

no Estado do Rio Grande do Sul (RS), durante o ano de 2014. Para tanto, foi realizado um estudo descritivo do banco de dados da Secretaria da Agricultura e Pecuária do Estado do Rio Grande do Sul (SEAP-RS), com a análise das fichas de tuberculização comparada das GRSC existentes, confrontando os resultados obtidos com o sistema de produção e o grau de vulnerabilidade das granjas identificadas como infectadas. Os resultados indicaram que das 78 GRSC certificadas em conjunto pela SEAP-RS e pelo Ministério da Agricultura e Pecuária, no Estado do Rio Grande do Sul, 15 (19%) apresentaram-se como infectadas por micobactérias do Complexo avium, destas quatro (27%) estavam classificadas, quanto ao sistema de produção, como central de inseminação artificial, dez (67%) como sítio 1 e uma (7%) como sítio 3 e, no que se refere à vulnerabilidade, um (7%) dos estabelecimentos era classificado como granja A, quatro (27%) como granja B, quatro (27%) como granja D e seis (40%) como granja C. A conclusão obtida foi que as GRSC de sítio 1 e/ou grau de vulnerabilidade C foram as que apresentaram maior frequência de infecção pelas micobactérias do Complexo avium, o que demanda a implantação de um programa de controle, tendo em vista os prejuízos que podem advir à produção comercial e do potencial risco zoonótico de tal condição.

Palavras-chave: GRSC. Micobactérias. Suínos.

20 AVALIAÇÃO DO GRAU DE VULNERABILIDADE DAS GRANJAS DE REPRODUTORES SUÍDEOS CERTIFICADAS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Assessment of the degree of vulnerability in swine breeding farms certified in Rio Grande do Sul state

GALVANI, J. W. C.1; CAMPOS, V. C. R.1

1 Secretaria da Agricultura e Pecuária do Rio Grande do Sul. Av. Getúlio Vargas, 1.384 - Menino Deus, CEP: 90150-004, Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: pnss@agricultura.rs.gov.br.

Diante da demanda por maior produtividade, a suinocultura, ao longo dos anos, vem passando por modificações que resultaram em sistemas de produção caracterizados atualmente por confinamentos, com alta densidade animal, maior número de instalações por granjas e concentração de granjas em limitadas áreas geográficas. Esse conjunto de fatores ampliou a pressão de infecção e o risco do surgimento de doenças transmissíveis que impactam diretamente no custo produtivo, no bem-estar animal e até mesmo na saúde pública (zoonoses), principalmente quando as granjas apresentam alto grau de vulnerabilidade às doenças. Nesse contexto, uma das condições específicas para o reconhecimento de uma granja de reprodutores suídeos certificada (GRSC), conforme a Instrução Normativa SDA nº 19, de 15 de fevereiro de 2002, é a sua avaliação para a classificação inicial quanto ao grau de vulnerabilidade à entrada de agentes patogênicos. Sendo assim, o presente trabalho avaliou o grau de vulnerabilidade das GRSC à entrada de patógenos externos no Estado do Rio Grande do Sul (RS), durante o ano de 2014. Para tanto, foi realizado um estudo descritivo dos registros das tabelas de avaliação do grau de vulnerabilidade de GRSC à entrada de patógenos externos, conforme a IN nº 19/2002, existentes no banco de dados da Secretaria da Agricultura e Pecuária do Estado do Rio Grande do Sul (SEAP-RS). Os resultados obtidos indicaram que das 78 GRSC certificadas em conjunto pela SEAP-RS e pelo Ministério da Agricultura e Pecuária, no Estado do Rio Grande do Sul, duas (2,5%) foram classificadas como granja A, 12 (15,3%) como granja B, 48 (61,5%) como granja C e 16 (20,5%) como granja D. Neste sentido, foram observados os aspectos positivos para a biossegurança das GRSC, tais como a reposição do plantel por apenas uma granja fornecedora de suídeos, que foi evidenciada em 59 (75%) das granjas, bem como o transporte do alimento fornecido aos animais, em caminhão/graneleiro que não transporta suínos em 78 (100%) das propriedades. No entanto, no que se refere à qualidade do isolamento da granja (cercas), 63 (80%) possuíam apenas tela com menos de 50 metros dos galpões, enquanto o desejável seria a existência de cerca dupla intercalada com cinturão verde. No que se refere à existência de quarentenário na propriedade, 64 (82%) das GRSC avaliadas introduzia, os suínos sem a realização de quarentena. A conclusão obtida foi que no Estado do Rio Grande do Sul a redução da vulnerabilidade dos plantéis de reprodutores suídeos certificados e o sucesso dos programas de biossegurança estão na dependência da introdução de avanços técnicos e quiçá de alterações na legislação em vigor.

Palavras-chave: Vulnerabilidade. Suinocultura. Suínos.

21 AVALIAÇÃO DA ESTABILIDADE E REATIVIDADE DE SOROS BOVINOS ESTOCADOS SOB DIFERENTES TEMPERATURAS E SUBMETIDOS AO TESTE DO ANTÍGENO ACIDIFICADO TAMPONADO PARA O DIAGNÓSTICO DA BRUCELOSE EM BOVÍDEOS

Assessing stability and reactivity of bovine serum stored at different temperatures and submitted to the buffered acidified plate antigen test for diagnosis of bovine brucellosis

GITTI, C.B.1; ZANETTE, L.C.1; SOUZA, E.J.1

1 Departamento de Epidemiologia e Saúde Pública, Instituto de Veterinária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, Brasil. E-mail: cbgitti@yahoo.com.br.

Na prática veterinária, os exames laboratoriais são importantes recursos utilizados para apoiar a confirmação do diagnóstico. As amostras de materiais devem passar por um adequado procedimento de embalagem para possibilitar a realização dos ensaios. Desse modo, o presente trabalho analisou a viabilidade diagnóstica de soros bovinos estocados em diferentes temperaturas simulando uma situação adversa de condições de armazenamento e tempo de transporte e submetidos ao teste diagnóstico da brucelose. Duas amostras de soro provenientes de dois bovinos, onde um era reagente à prova do Antígeno Acidificado Tamponado (AAT) e a outra de animal não reagente, foram fracionadas em cinco frascos cada e armazenadas sob cinco diferentes faixas de temperatura: -20°C (soros controle), 20°C; 25°C; 30°C e 35°C. Diariamente as amostras foram submetidas à prova do AAT para a avaliação da sua reatividade. A qualidade da reação foi classificada como 1 (fraca) a até 4 (intensa). O experimento durou tantos dias quantos foram necessários para a obtenção de uma reação positiva no teste do AAT. Os ensaios do AAT para o diagnóstico da Brucelose foram realizados de acordo com a Instrução Normativa n. 41 de 24/11/2006 (BRASIL, 2006). As duas amostras submetidas às temperaturas de 20 e 25°C permaneceram reativas até o 21º dia. Aquelas mantidas em 30 e 35°C reagiram até o 30º dia. Durante todo o período experimental, as amostras apresentaram reação intensa de grau 4, não sendo observada a redução da intensidade de reação nos dias que antecederam o término das observações. Em todas as amostras, o último dia de reatividade ocorreu quando elas apresentaram contaminação bacteriana e nesses dias a intensidade de reação observada foi de grau 1. Vários autores avaliaram a estabilidade de diferentes analitos presentes no soro de cães, ratos ou em líquido cefalorraquidiano humano e até mesmo o efeito do congelamento em amostras de soro bovino para o diagnóstico da brucelose. Porém, até a data da submissão deste resumo, não foi encontrada publicação em que fosse analisada a manutenção das amostras em condições de temperatura ambiente (25°C) ou superior para possibilitar a comparação de resultados. Pode-se concluir que a as amostras se mantiveram estáveis e reativas nas temperaturas testadas por pelo menos 20 dias. **Palavras-chave:** Imunodiagnóstico. Soro. Bovinos. Validação.

22 VIGILÂNCIA ATIVA EM GRANJAS DE SUÍNOS DE MAIOR RISCO SANITÁRIO

Active surveillance at pig farms with major health risk

TOMPOROSKI, A.1; ARRUA, C. B.1; DIAS, R. G.1; JONEIAU, M. E. G.1

1 Agência de Defesa Agropecuária do Paraná. Rua dos Funcionários, 1.559, CEP: 80035-050, Curitiba, PR, Brasil. E-mail: aglacid@gmail.com.

A intensificação da vigilância ativa nas aéreas reconhecidas como livres de Peste Suína Clássica (PSC), com ênfase naquelas com maior probabilidade de reintrodução do vírus (vulnerabilidade) e maior capacidade de o vírus se instalar em rebanho susceptível (receptividade), evitando, caso ingresse, que se espalhe (difusibilidade) e minimizando prejuízos, é uma importante atribuição da Defesa Sanitária Animal. Em outubro de 2014, foram iniciadas no Estado do Paraná as colheitas de soro sanguíneo de suínos nas propriedades de maior risco para a instalação do vírus da PSC. A priorização de escolha foram as granjas comerciais de suínos (GS), que são estabelecimentos de criação comercial, cadastrados e georreferenciados no Serviço Veterinário Oficial e classificados como granjas de produção em ciclo completo (CC), unidades produtoras de leitões (UPL), crechários (CR) ou granjas de terminação (T) de suínos baseadas em ponto de risco, conforme Norma Interna n. 5/2009 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, especificadas como estabelecimentos de criação em fronteira